

chutando pedrinhas



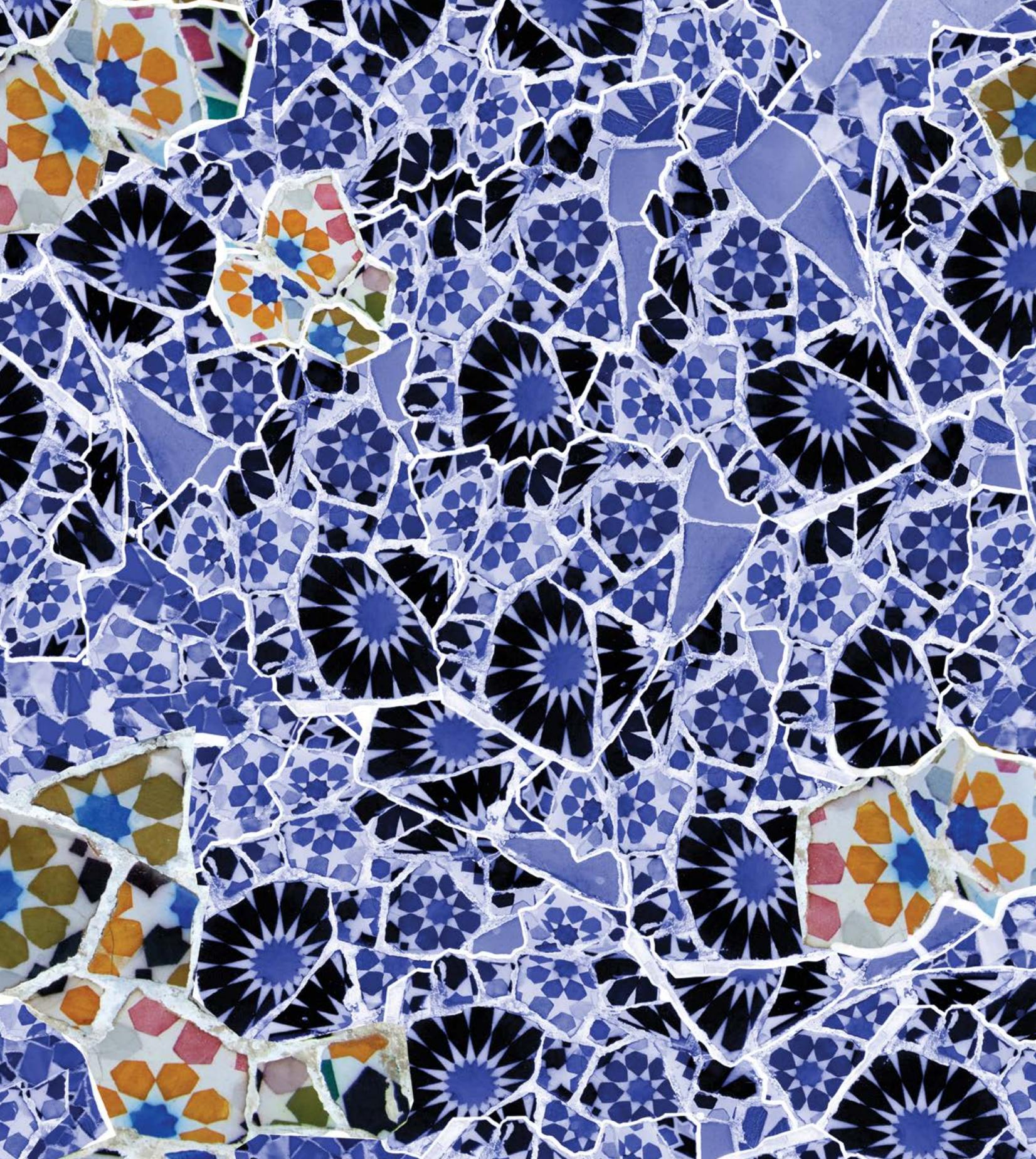
PROMUNDO

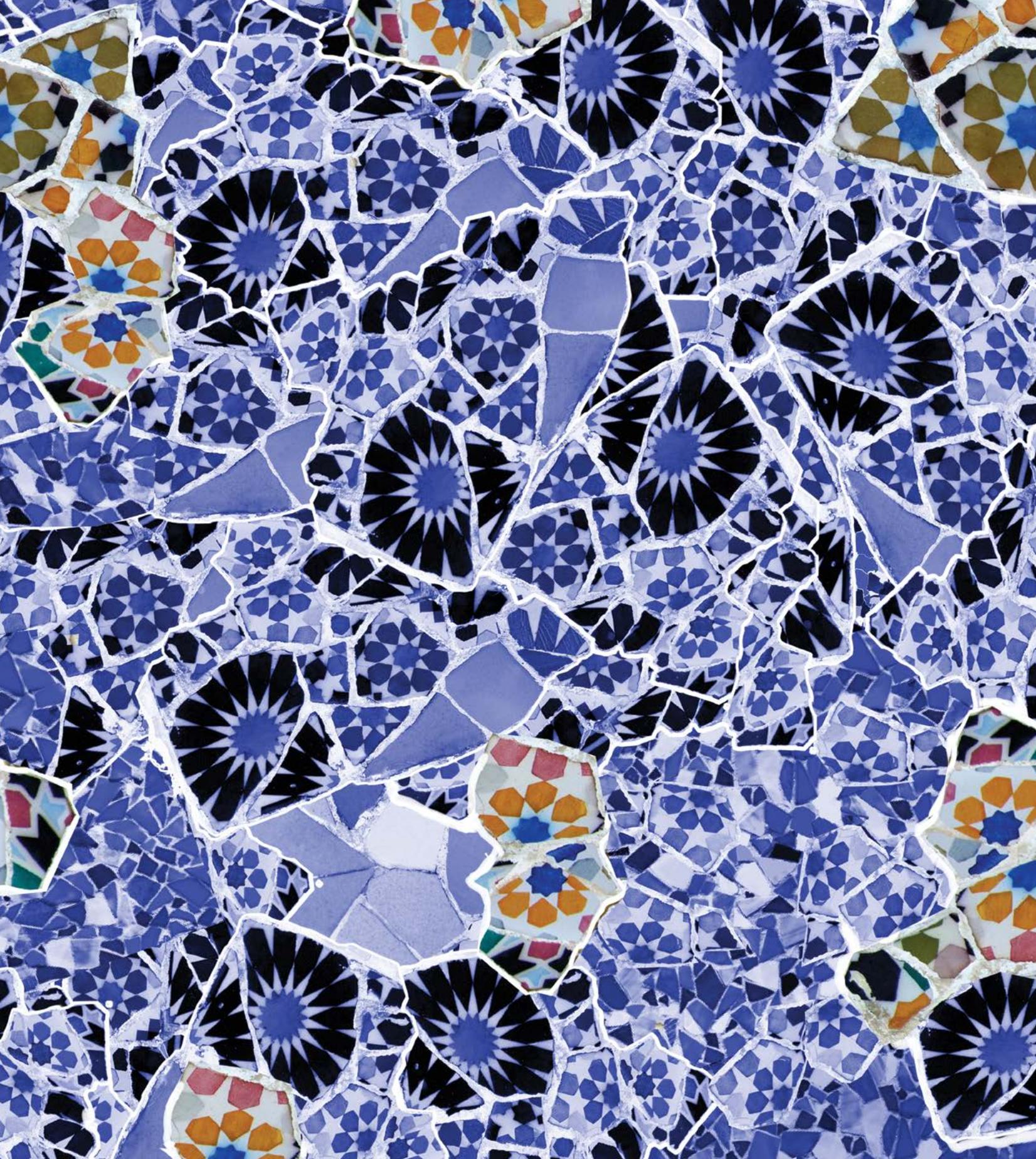


FUNDAÇÃO
ABRINQ



Save the Children





Expediente

Esta é uma publicação do **Instituto Promundo**,
com o apoio da **Fundação Abrinq – Save the Children**

Direção do Instituto Promundo-Brasil: Tatiana Moura

Equipe do Instituto Promundo-Brasil:

Equipe do Instituto Promundo-Brasil: Alice Taylor, Amanda Guimarães, Barbara Gomes, Ceiza Alcoforado, Danielle Araújo, Daniele Lopes, João Dutra, Letícia Serafim, Linda Cerdeira, Márcio Segundo, Marco Aurélio Martins, Marcos Antônio Simplicio, Mary Robbins, Miguel Gomes, Milena do Carmo, Mohara Valle, Norma Sá, Rose Orth, Selma Henrique e Vanessa Fonseca.

Coordenação e idealização do projeto: Vanessa Fonseca

Coordenação de comunicação: Letícia Serafim

Redação: Letícia Serafim e Vanessa Fonseca

Ilustração e projeto gráfico: Paulica Santos

Agradecimentos: Agradecemos à Ninfa Parreiras e Danielle Lopes pela contribuição no processo de escrita da história; à Soraia Gomes, Cris dos Prazeres e Mariana Gomes pela ajuda na mobilização das crianças.

INSTITUTO PROMUNDO

Rua México, 31, 1502, Centro
CEP: 20031-904 – Rio de Janeiro
Tel: (21) 2544-3114

F676c Fonseca, Vanessa.
Chutando pedrinhas / Vanessa Fonseca e Leticia Serafim :
Ilustração de Paula Santos. – Rio de Janeiro : Instituto Promundo,
2014.
44p. : il. : Color. ; 22 cm.
ISBN: 978-85-61640-11-8

1. Literatura Infanto-juvenil Brasileira – Rio de Janeiro (RJ)
2. Livro Infantil – Instituto Promundo – Rio de Janeiro. I. Serafim, Leticia. II. Título.

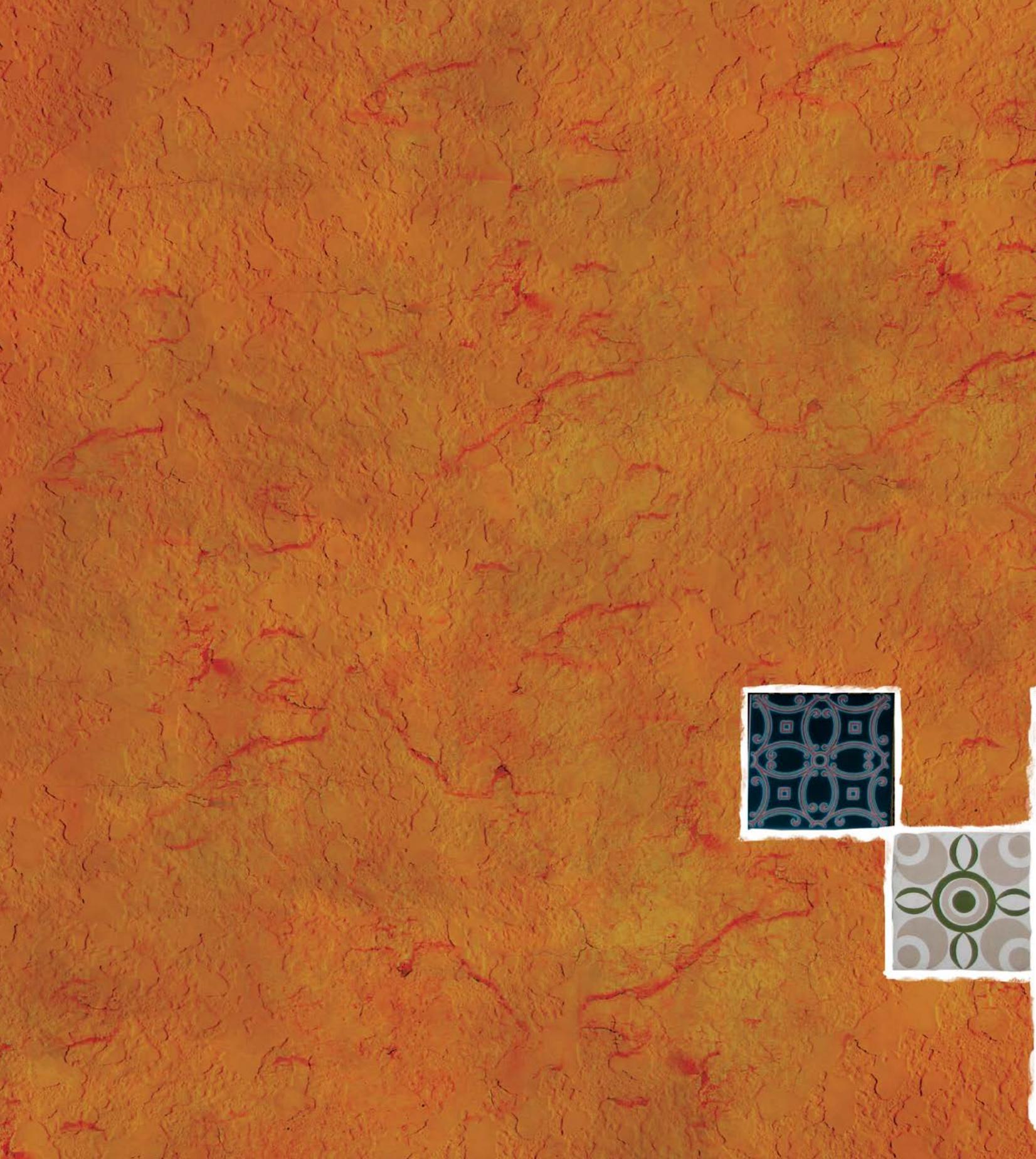
CDD 808.899282

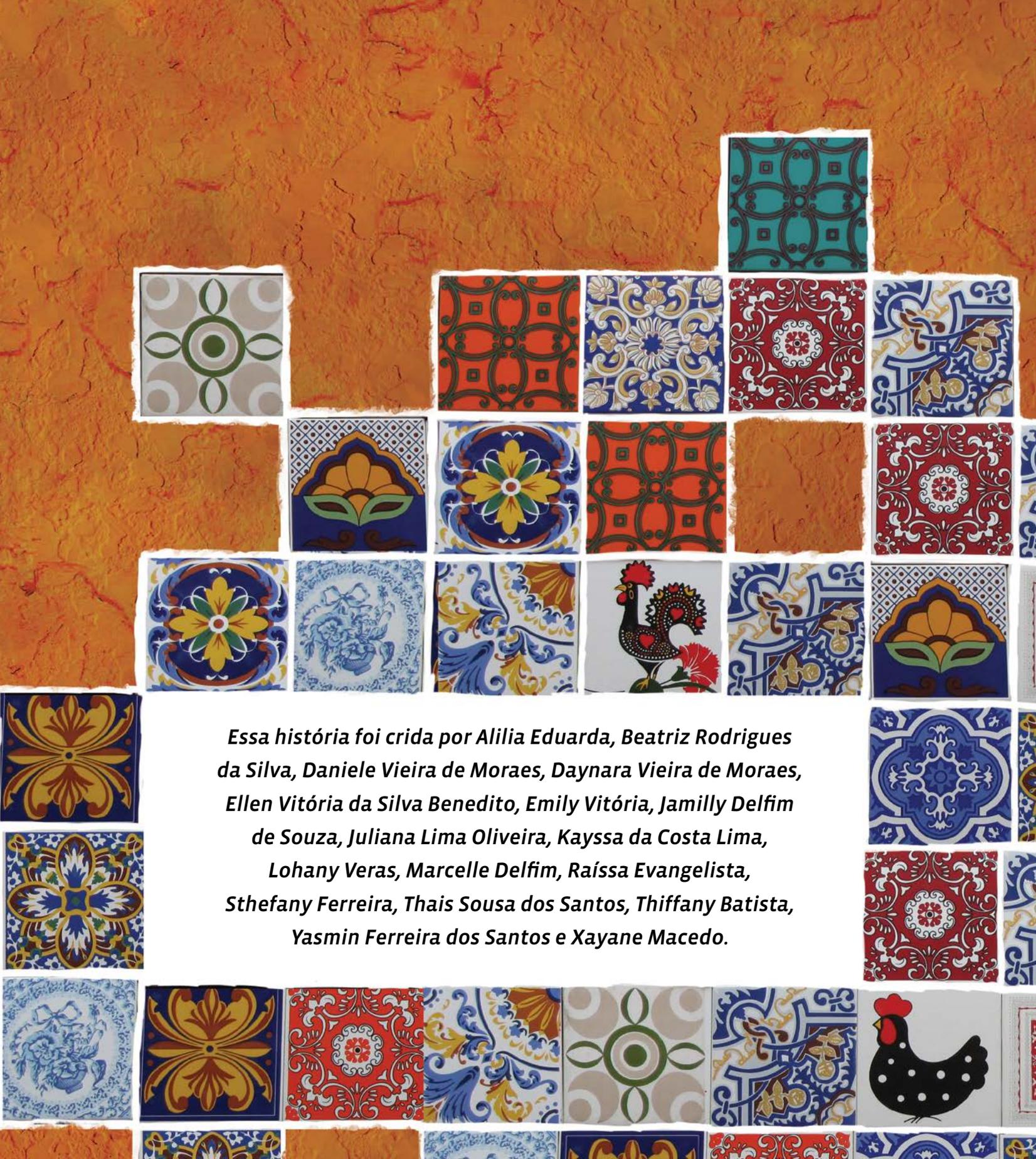


CHUTANDO PEDRINHAS



Save the Children





Essa história foi criada por Alilia Eduarda, Beatriz Rodrigues da Silva, Daniele Vieira de Moraes, Daynara Vieira de Moraes, Ellen Vitória da Silva Benedito, Emily Vitória, Jamilly Delfim de Souza, Juliana Lima Oliveira, Kayssa da Costa Lima, Lohany Veras, Marcelle Delfim, Raíssa Evangelista, Sthefany Ferreira, Thais Sousa dos Santos, Thiffany Batista, Yasmin Ferreira dos Santos e Xayane Macedo.





Prefácio

Essa história saiu da silhueta de um grupo de meninas. Não sabemos o que é de quem exatamente, se o nariz é da Beatriz, o pé da Marcelle, ou os sonhos da Tiffani. Cada uma contribuiu com um pedacinho da menina da nossa história. Cada menina disse uma frase, teve uma ideia ou contou uma história que ajudou a criar esta narrativa.

É assim que criança participa. E participar é condição fundamental para a promoção de **“sujeitos de direitos”**. Crianças têm voz e desejos e precisam ser ouvidas. Não da mesma forma que adultos. Têm outro jeito de falar e pensar a sua própria vida. É esse jeito que a criança tem de pensar seu lugar no mundo que deve ser tomado em conta para que ela aprenda, reflita, crie seus próprios conceitos e ensine.

Participar significa pensar junto, explicar, ouvir, falar, tentar entender, deixar-se afetar, adaptar-se. Criança que é ouvida aprende a ouvir. Criança que é compreendida aprende a compreender e cresce mais feliz.

A participação envolve limites também. Quando pensamos nos direitos das crianças, assim como os dos adultos, não significa que elas podem fazer tudo o que quiser. Significa que precisamos também nos preparar para respeitar os direitos e desejos do outro. Só que limites são dados com coerência, com explicação, atenção, firmeza e participação. Palmadas e castigos humilhantes são violações de direitos que não ensinam a respeitar o lugar do outro, apenas oprimem e intimidam.

O exemplo é a melhor forma de ensinar, pois aprendemos com a experiência. A experiência do respeito nos ensina a respeitar. São reflexões como estas que este livro criado por meninas do Morro dos Prazeres (Rio de Janeiro) busca estimular.

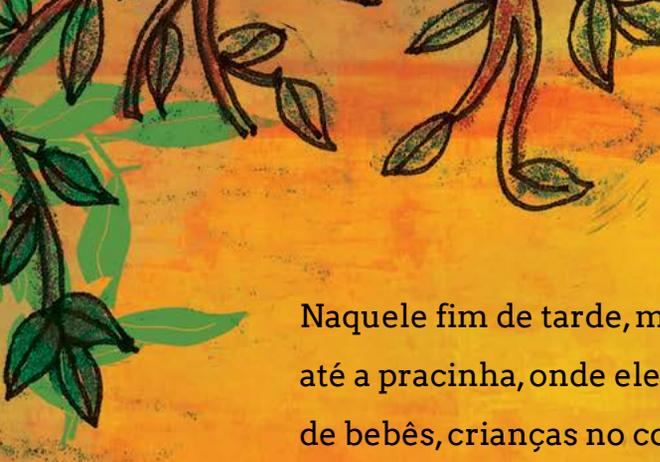
Vanessa Fonseca

Coordenadora de Programas do Promundo



- 
- Pai, como foi que eu nasci?
 - Você era bem pequena.
 - Tá, pai! Mas o que você sentiu quando me viu nascer?
 - Bem... Eu não te vi nascer.
 - Não?!
 - Não me deixaram entrar.
 - Quando você me viu pela primeira vez?
 - Já estava no colo da sua mãe, em casa.
 - E o que você pensou?
 - Você era linda! Bem engraçadinha.





Naquele fim de tarde, meu pai e eu caminhamos da escola até a pracinha, onde ele sempre me via brincar. Carrinhos de bebês, crianças no colo ou puxadas pelo braço, despertaram minha curiosidade sobre o dia que eu nasci.

O pai costumava me segurar pela mão, apertava meus dedinhos com tanta firmeza, que quase doía. Eu não gostava, queria mesmo era ir na frente dele, pulando as poças d'água e chutando pedrinhas. Mas ele dizia que menina não podia andar sozinha, que era perigoso e *“que, além do mais, menina tem que se comportar!”*

– Não pode ficar pulando feito um macaquinho! E me segurou pela cintura, fazendo cosquinha.





Ele sempre estava em casa na hora de me levar pro colégio. A mãe trabalhava fora o dia todo, era caixa de supermercado. Ele era vigia noturno e depois de dormir a manhã toda, colocava no meu prato a comida que a mãe deixou pronta em cima do fogão, mandava eu me vestir e penteava meu cabelo pra me levar na escola. Na hora de colocar o uniforme, ele só ajudava a ajeitar a roupa no corpo:

– Menina não pode ficar nua na frente de nenhum rapaz.

No início, meu pai não levava muito jeito pra me pentear e eu sempre ficava com a maria-chiquinha torta. Ele foi pegando jeito e até aprendeu a fazer trancinha. Aliás, gostava quando papai penteava meus cabelos, bem devagar, pedacinho por pedacinho, diferente da mamãe, que às vezes não tinha paciência.

– Você cuidou de mim quando nasci?

– Cuidei... De você e da sua mãe.

– Me deu o primeiro banho?

– Essas coisas eram com sua mãe e sua avó. Eu tava lá pra proteger vocês. Além do mais, não sabia o que fazer. Nunca tinha cuidado de criança pequena, como minhas irmãs.

Homem não brinca de boneca!

– Quero jogar bola com você!





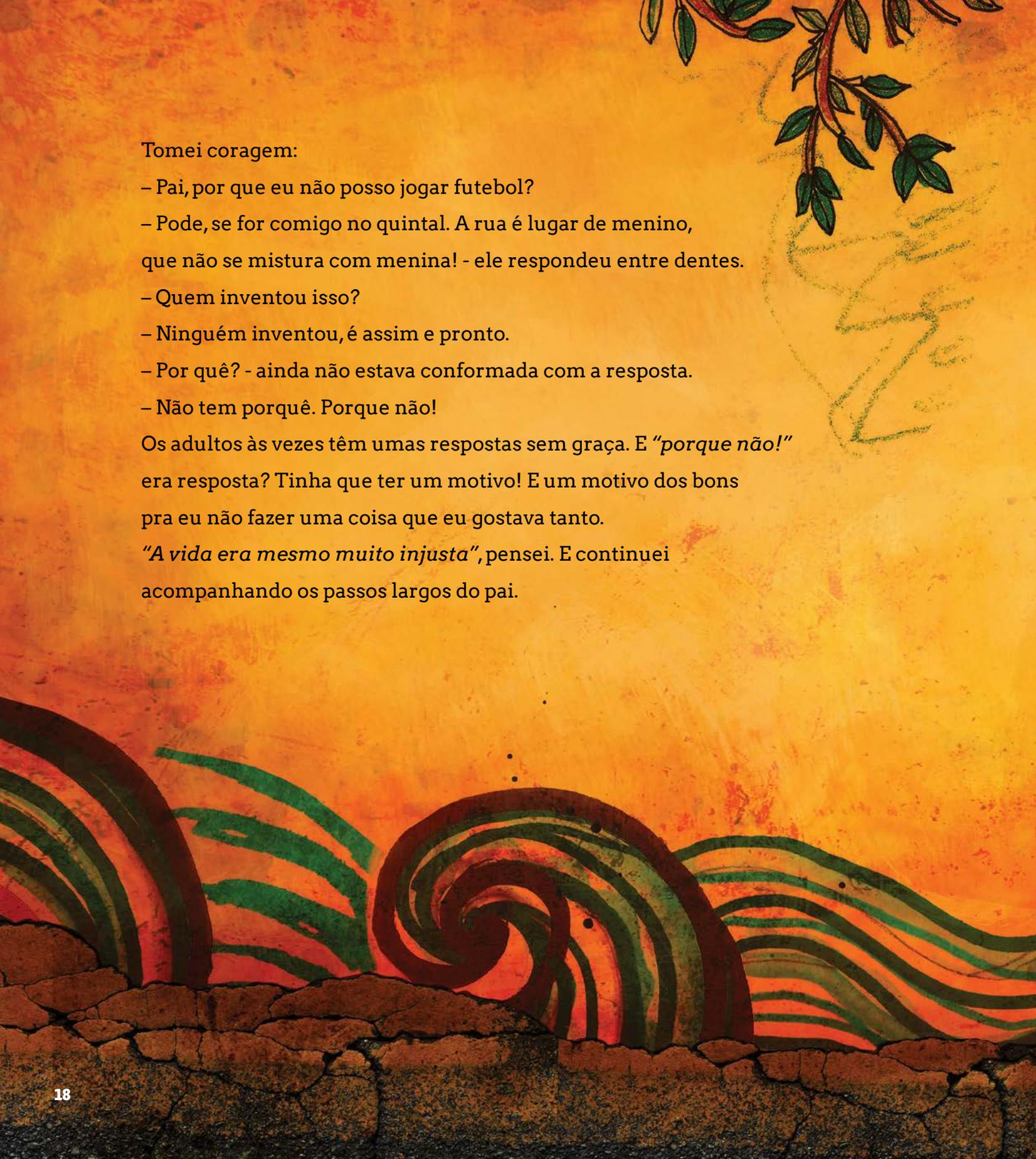
Uns meninos, ainda com o uniforme de escola, estavam jogando futebol. A bola rolou e eu tive vontade de correr pra chutar de volta, mas papai me apertou a mão e não me deixou. Ele mesmo se abaixou e jogou pros garotos.

Eles voltaram a jogar bola, eu e meu pai continuamos no mesmo passo, ninguém percebeu, mas me lembro de ter ficado meio magoada.

Fiquei pensando o quanto era injusto aqueles meninos livres, jogando bola e correndo, e eu agarrada na barra da calça do meu pai.







Tomei coragem:

– Pai, por que eu não posso jogar futebol?

– Pode, se for comigo no quintal. A rua é lugar de menino, que não se mistura com menina! - ele respondeu entre dentes.

– Quem inventou isso?

– Ninguém inventou, é assim e pronto.

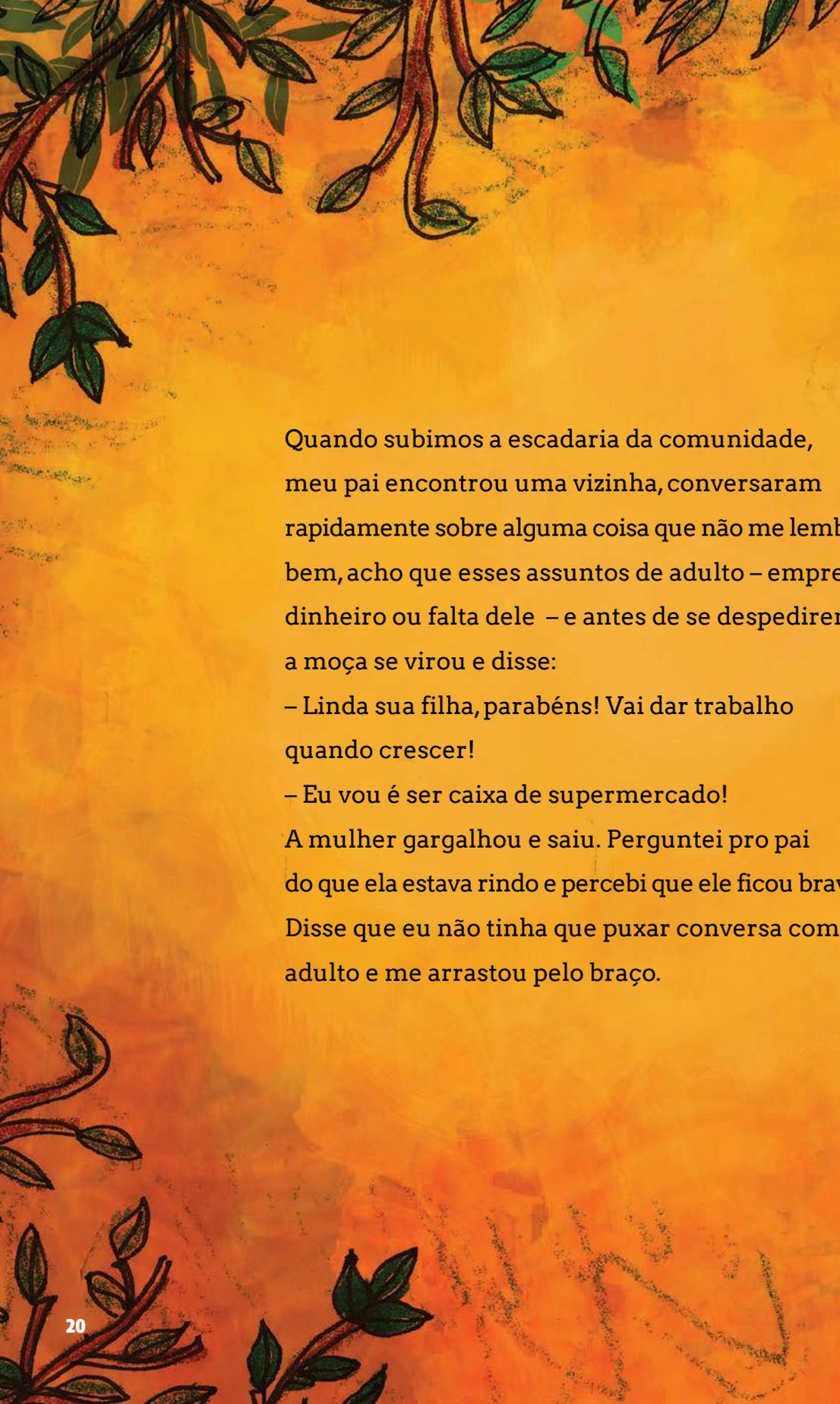
– Por quê? - ainda não estava conformada com a resposta.

– Não tem porquê. Porque não!

Os adultos às vezes têm umas respostas sem graça. E *“porque não!”* era resposta? Tinha que ter um motivo! E um motivo dos bons pra eu não fazer uma coisa que eu gostava tanto.

“A vida era mesmo muito injusta”, pensei. E continuei acompanhando os passos largos do pai.





Quando subimos a escadaria da comunidade,
meu pai encontrou uma vizinha, conversaram
rapidamente sobre alguma coisa que não me lembro
bem, acho que esses assuntos de adulto – emprego,
dinheiro ou falta dele – e antes de se despedirem,
a moça se virou e disse:

– Linda sua filha, parabéns! Vai dar trabalho
quando crescer!

– Eu vou é ser caixa de supermercado!

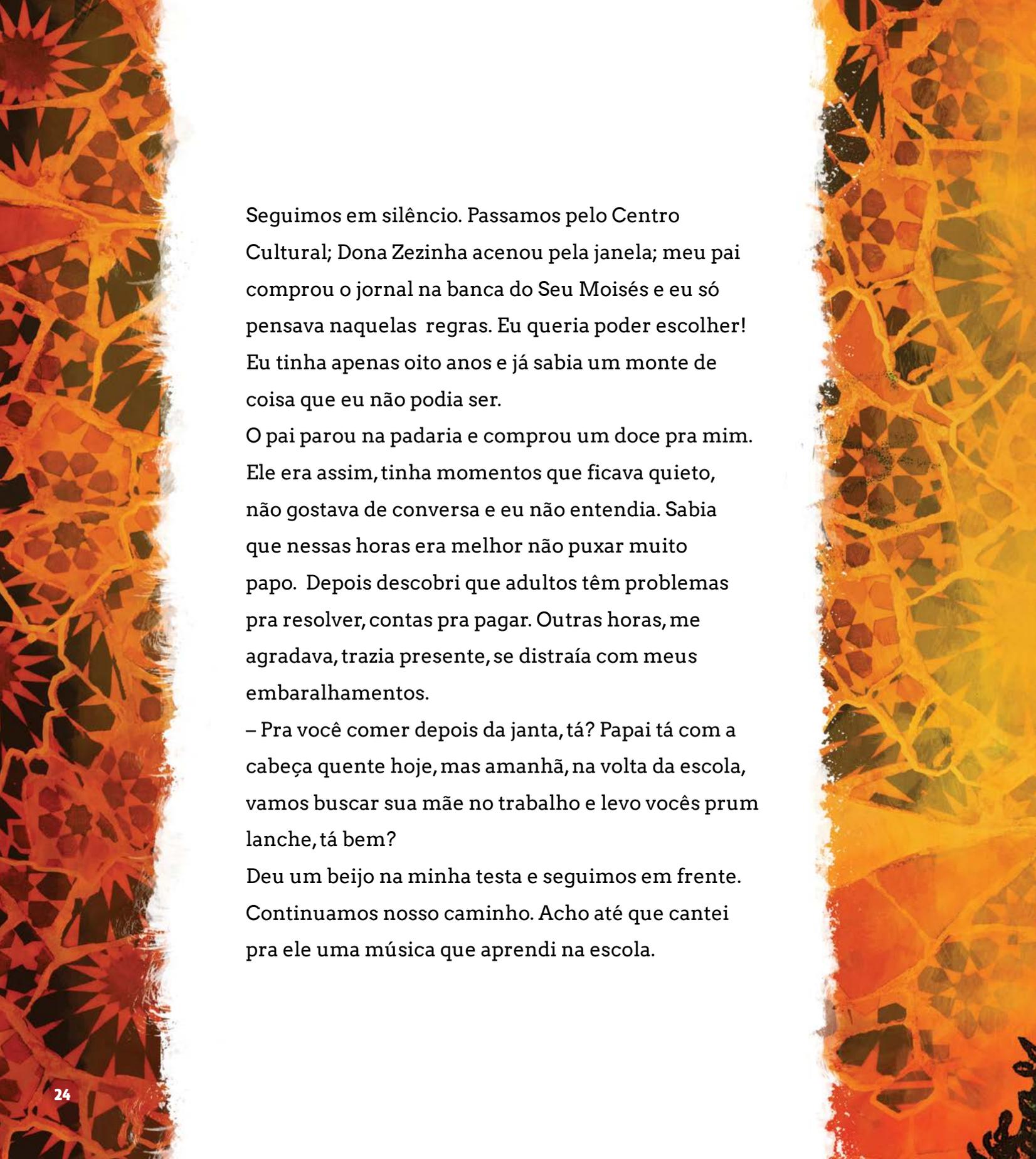
A mulher gargalhou e saiu. Perguntei pro pai
do que ela estava rindo e percebi que ele ficou bravo.

Disse que eu não tinha que puxar conversa com
adulto e me arrastou pelo braço.



- 
- O que eu fiz de errado?
- Nada, você não fez nada. Desculpe. Da onde você tirou essa ideia de que vai ser caixa de supermercado? Você tem que estudar primeiro, pra depois resolver o que vai ser. Aí vai casar, ter filhos e um emprego.
- Mas eu não quero casar, pai. Marido é muito chato. Mamãe sempre fala isso. Só vou ter filhos, não quero casar.
- Isso é coisa que se fale?! Filha minha só arruma bebê se for casada e de papel passado! E antes precisa estudar! Namorar, só depois do colégio.
- 





Seguimos em silêncio. Passamos pelo Centro Cultural; Dona Zezinha acenou pela janela; meu pai comprou o jornal na banca do Seu Moisés e eu só pensava naquelas regras. Eu queria poder escolher! Eu tinha apenas oito anos e já sabia um monte de coisa que eu não podia ser.

O pai parou na padaria e comprou um doce pra mim. Ele era assim, tinha momentos que ficava quieto, não gostava de conversa e eu não entendia. Sabia que nessas horas era melhor não puxar muito papo. Depois descobri que adultos têm problemas pra resolver, contas pra pagar. Outras horas, me agradava, trazia presente, se distraía com meus embaralhamentos.

– Pra você comer depois da janta, tá? Papai tá com a cabeça quente hoje, mas amanhã, na volta da escola, vamos buscar sua mãe no trabalho e levo vocês prum lanche, tá bem?

Deu um beijo na minha testa e seguimos em frente. Continuamos nosso caminho. Acho até que cantei pra ele uma música que aprendi na escola.



Ao chegar em casa, antes dele sair pro trabalho, indaguei:

– Pai, se eu não for o que você quiser que eu seja, você vai deixar de gostar de mim?

Aquela história de que eu não podia jogar bola, ou escolher se casava ou não, ficou martelando na minha cabeça.





- 
- Filha, eu te amo e vou te amar do que jeito que for.
 - Então, por que todas essas regras que eu tenho que seguir se eu nem sei o que eu quero da vida?
 - Bem, é pra você não sofrer. As pessoas que estão em volta esperam muita coisa da gente. Se a gente não fizer do jeito que o mundo acha certo, acaba excluído de um monte de coisa.
 - Deixa ver se entendi: preciso apagar meus sonhos pra fazer aquilo que eu nem sei se quero?
 - Às vezes, é preciso fazer o que não quer pra que gostem da gente.
 - Ué, pai, você não disse que ia me amar de qualquer jeito?
 - Eu sou seu pai. Tá bom... É... Essa conversa tá ficando difícil! Na verdade, isso tudo é bobagem!
 - Gente grande gosta de arrumar motivo pra complicar as coisas, né?
 - O importante mesmo é a gente não fazer mal a ninguém.
 - Então, não tem problema eu fazer o que eu gosto!



Os olhos do meu pai ficaram molhados, lembro bem. E me abraçou tão apertado que eu jamais vou esquecer.

– Amanhã de manhã a gente vai jogar bola e eu vou te ensinar a fazer embaixadinha. Você vai ser a melhor da rua!

Aquela noite foi interminável de tanta expectativa pra jogar bola com meu pai.

Muitas conversas como esta rolaram entre nós. Isso me livrou de “boas” chineladas.

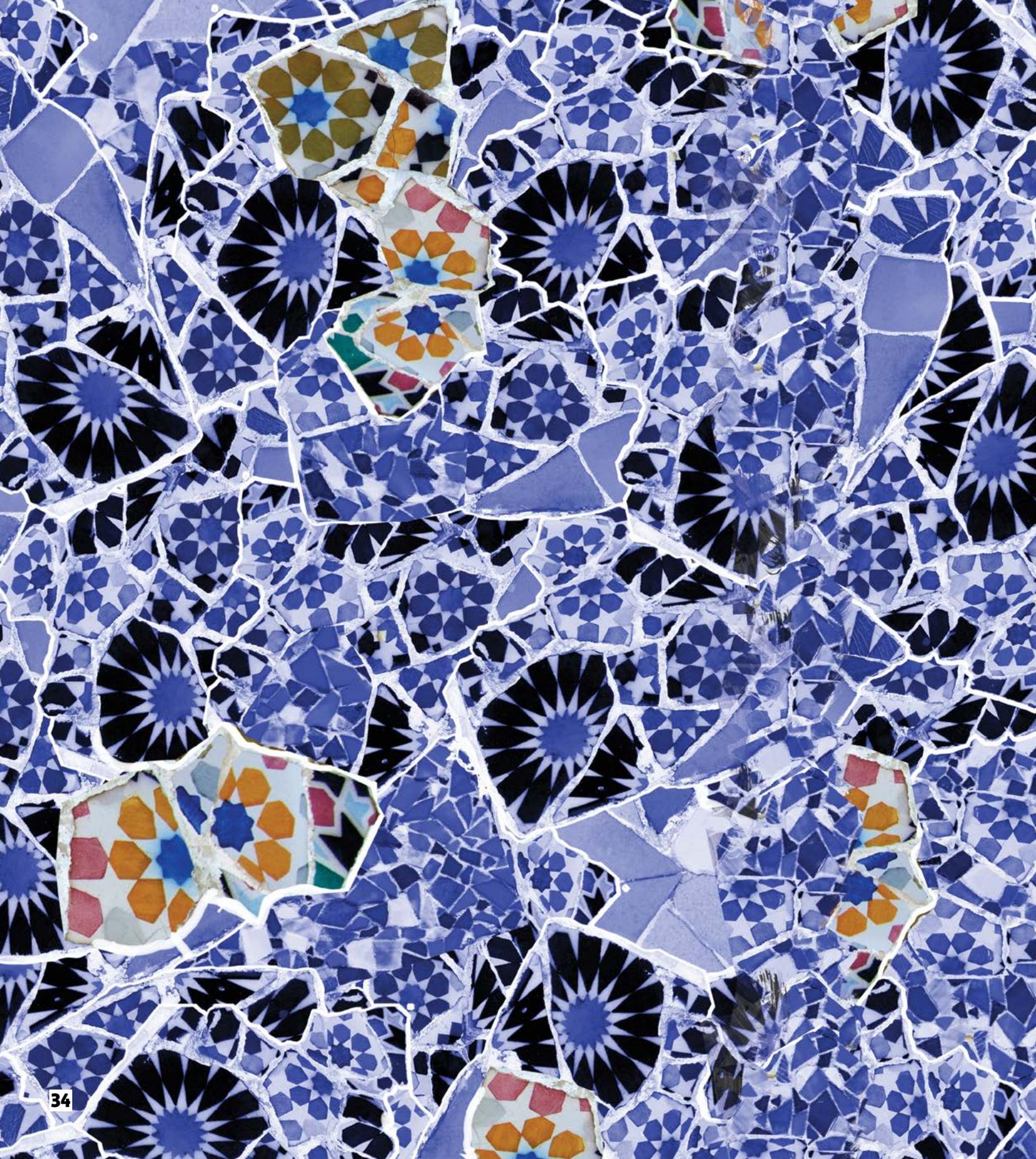
Acho que no fundo meu pai sempre ficou dividido entre o que aprendeu do mundo e o que saía das nossas brincadeiras.





E na manhã seguinte, enquanto a gente caminhava junto pra escola, meu pai soltou minha mão e fui chutando as pedrinhas que apareciam no nosso caminho. Ele foi atrás de mim, sorrindo e observando meus passos.







Posfácio

Este livro é o segundo de uma série que busca dar voz às crianças sobre sua relação com seus pais. O primeiro, **“Vento no rosto”**, conta a história de Lucas, cujos pais após castigá-lo fisicamente por saltar de uma cachoeira, entenderam que tudo que o menino queria era sentir o vento batendo no rosto. Assim, decidiram pôr um grande balanço no quintal e acompanhar mais de perto os interesses e brincadeiras do filho. A história foi criada por um grupo de crianças, com o objetivo de apresentar a seus pais maneiras de serem educadas sem o uso dos castigos físicos.

“Chutando Pedrinhas” dá voz às meninas. Trata da relação das filhas com seus pais, homens, e todos os obstáculos às brincadeiras e sonhos que mulheres podem enfrentar em sua infância. Por outro lado, para os pais, também socializados a partir de normas de gênero, não é simples fazer diferente na educação de suas crianças. Apesar de desejarem a felicidade e a liberdade de suas filhas, além de relações mais equânimes entre elas e seus parceiros no futuro, muitos pais com os quais o Instituto Promundo trabalha em suas oficinas e pesquisas, relatam não saber como educar meninas de uma forma mais igualitária em relação aos meninos, acolhendo e estimulando os sonhos de cada um/uma, independente de seu gênero. É mais fácil reproduzir o modelo de homem e de mulher que se conhece.

Mas é possível e importante fazer diferente. E acreditamos que a maneira como pais educam suas filhas é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa para homens e mulheres.



>>> Por que o envolvimento de Pais é importante?

Desde sua fundação, o **Promundo** se dedica a intervenções no campo da paternidade em contextos de exclusão social, buscando dialogar com homens e mulheres sobre a divisão de tarefas domésticas, cuidado e educação dos filhos. Estas intervenções estão baseadas na observação de que uma relação mais próxima dos pais com seus filhos influencia na redução do uso de castigos físicos e da desigualdade de gênero.

O cuidado paterno, incluindo o estabelecimento de relações mais próximas com os filhos, está entre um dos fatores determinados pelo gênero. Via de regra, cabe ao pai a função de prover recursos materiais e apoiar a disciplina, enquanto à mãe está o cuidado baseado no afeto, na saúde e na educação. Assim, questionar normas de gênero e transformar masculinidades tem se mostrado fundamental para a promoção de uma relação mais próxima entre pais e filhos e filhas. Isto tem sido positivo tanto para homens, quanto para mulheres e crianças.

Em relação às mulheres, o apoio de seus parceiros no cuidado das crianças é inquestionável no que diz respeito à redução das desigualdades na distribuição de tarefas domésticas e a possibilidade de que elas possam se dedicar a suas carreiras. O questionamento de padrões de masculinidades relacionados ao cuidado de crianças possibilita que mulheres e homens possam definir seus papéis a partir da negociação dos desejos e aspirações de cada um/uma e não por um conjunto de regras rígidas que promovem desigualdades. Existe ainda impacto positivo sobre a saúde física e mental da mãe, uma vez que a presença do pai tende a reduzir a sobrecarga de tarefas domésticas e de cuidados¹.

1 BARKER, G. **Men's Participation as Fathers in the Latin American and Caribbean Region: A Critical Literature Review with Policy Considerations**. Washington, DC: The World Bank, 2003.

Já os pais que estão implicados em relações mais carinhosas e de cuidado de seus filhos e filhas, relatam que esta é uma das maiores fontes de bem estar e felicidade. Uma vez que estão mais satisfeitos com suas vidas, tendem a cuidar mais de sua saúde, adoeecer menos, consumir menos álcool e drogas, estressar-se menos, ter menos acidentes e ter maior envolvimento com a comunidade². Há ainda menor propensão a comportamentos de risco (tal como atividades criminais), o que pode significar menor mortalidade para os homens³. Quando os homens estão mais engajados como pais, as suas parceiras relatam estar mais felizes em seus relacionamentos conjugais⁴.

Para as crianças, a responsabilidade compartilhada entre pais e mães, ao aliviar a carga e o estresse, pode ajudar a reduzir o uso de castigos físicos. Ainda, a troca de informações e diálogo é importante na tomada de decisão sobre métodos para educar e dar limites sem o uso da violência. A relação mais próxima com os pais também tem impacto nas questões de gênero. Uma pesquisa a respeito das atitudes de homens e mulheres sobre os modelos de masculinidade sugere que crianças com um modelo positivo em casa são mais inclinadas a ter atitudes equitativas de gênero e a ser menos propensas a usar violência contra as suas parceiras ou parceiros⁵.

2 ALLEN, S and DALY, K. **The Effects of Father Involvement: Na Updated Research Summary of the Evidence**. Guelph, Canada: Centre for Families, Work & Well-Being, University of Guelph: 2007.

3 BARKER, Gary e VERANI, Fábio. **Men's Participation as Fathers in the Latin American and Caribbean Region: A Critical Literature Review with Policy Considerations**. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.

4 BARKER, G. y AGUAYO, F. (coord). **Masculinidades y Políticas de Equidad de Género. Reflexiones a partir de la Encuesta IMAGES y una revisión de políticas en Brasil, Chile y México**. Rio de Janeiro: Promundo, 2012.

5 BARKER, G. et al. **Engaging Men: Inicial Results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)**. Washington, DC: International Center for Research on Women (ICRW) and Rio de Janeiro: Promundo, 2011.



>>> Pais e Filhas: uma relação mais próxima para a equidade de gênero

O livro **“Chutando Pedrinhas”** foi inspirado nos resultados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Promundo em 2009-2010, com pais, mães e meninas de duas comunidades, sobre como a relação entre os pais (homens) e suas filhas influencia nas atitudes de gênero das meninas. A pesquisa demonstrou a importância de desenvolver estratégias para promover relações mais próximas e equitativas de pais com suas filhas, objetivo desse livro.

Para muitos pais e responsáveis entrevistados na pesquisa, a diferença de gênero foi considerada um fator dificultador desta relação, por imaginarem que não poderiam dar conta de questões que são específicas de meninas, especialmente relacionadas às mudanças corporais na adolescência. Os pais acreditam também que meninas são mais frágeis e querem protegê-las das relações com meninos, vistos como mais “espertos” e violentos. Por outro lado, as meninas que participaram dos grupos focais tinham interesse em correr pela comunidade, soltar pipa e jogar bola com os meninos. Não entendiam porque não podiam fazer as mesmas coisas que seus irmãos. O resultado era encontrar brechas para brincar escondidas e o sentimento de mágoa por seus pais.

No entanto, os pais e responsáveis também expressaram seu desejo em construir uma relação mais próxima e equânime entre suas filhas e filhos, além de educar meninas e meninos sem o uso de castigos corporais ou humilhantes. Eles reconhecem que esta medida é aplicada principalmente por impulso.

Mas tratar meninos e meninas com igualdade não é simples, nem a identificação de maneiras de dar limites para crianças. As normas de gênero são muitas vezes

motivações para os castigos físicos e para situações de humilhação vividas por crianças. Por terem medo de que seus filhos não se adequem a uma sociedade intolerante ao que foge aos padrões para homens e mulheres, pais e mães batem em crianças que apresentam comportamentos e atitudes diferentes do esperado para seu gênero. No entanto, castigos físicos e humilhantes e uma relação distante com os pais são bem mais nocivos para a saúde física e mental das crianças. O apoio e o carinho dos pais são fundamentais para que uma série de barreiras sociais sejam enfrentadas com mais segurança, além de servirem de exemplo para relações mais respeitadas.

Por meio de soluções discutidas e apresentadas pelas próprias crianças no formato de um livro infantil, **“Chutando Pedrinhas”** pretende estimular uma reflexão entre os pais e cuidadores sobre a possibilidade de dar limites para suas filhas e filhos, sem o uso de castigos físicos e por meio de relações que respeitem à equidade entre meninos e meninas.



>>> Como educar a meninos e meninas?

Não existe receita sobre de que forma meninos e meninas devem ser tratados. No entanto, uma educação baseada no diálogo e na abertura é fundamental para a compreensão e estímulo dos interesses e do desenvolvimento saudável das crianças. Os modelos de pais e o modo como as crianças são tratadas também contribuem para que aprendam a respeitar e ouvir, bem como a escolher relacionamentos mais respeitosos com seus parceiros.

Uma coisa é certa: menina brincar de carrinho e menino brincar de boneca não tem nada a ver com a orientação sexual futura. A preocupação dos pais com a felicidade de seus filhos e com o estímulo de seus talentos deve vir em primeiro lugar.

>>> Por que a educação por meio de castigos físicos deve ser evitada?

Muitos pais costumam dizer: *“se eu fui educado com castigos físicos e sou saudável, que mal há em dar umas boas palmadas nos meus filhos, quando cometem algo de errado?”*

Algumas pessoas conseguem crescer saudavelmente apesar da violência, por meio de habilidades que desenvolvem ao longo da vida. Mas sabe-se que a violência pode gerar problemas sociais, emocionais, psicológicos e de aprendizagem.

Uma educação sem o uso de castigos físicos estimula a criação de uma relação de confiança e proximidade entre a criança e seu cuidador, além de crianças merecerem viver livres do sofrimento e da dor causada pela violência.

O uso de castigos físicos não tem eficácia comprovada na educação de crianças. Um trabalho que analisou 20 anos de pesquisas sobre o tema concluiu que “nenhum estudo mostrou que a punição física tem efeito positivo, e a maior parte dos estudos encontrou efeitos negativos”⁶.

O uso de violências físicas como forma de disciplinamento promove a aprendizagem da violência, pois oferecem um modelo inadequado de os adultos lidarem com situações de conflitos, que é o uso da força, da violência. Uma criança que apanha por fazer algo errado pode deixar de fazê-lo por medo de apanhar novamente e não porque entendeu que o que fez pode ter consequências danosas para alguém.

Medo não nos faz entender coisa alguma. O que nos faz entender a importância dos limites é uma explicação que faça sentido. Colocar-nos no lugar do outro. Conversar, estar próximo, ouvir e argumentar leva mais tempo do que obediência imposta por umas boas chineladas. E tempo é artigo de luxo hoje em dia. Mas educar é tarefa importante e dá trabalho. Para uma criança é mais rápido e eficiente entender as razões dos limites que a vida lhes dá com alguém ajudando, por meio de uma boa conversa, do que por meio da agressividade e violência.

⁶ DURRANT, J. E. **Castigos corporais: preponderância, preditores e implicações para o comportamento e desenvolvimento da criança**. In: HART, S. N. (Org). O caminho para uma disciplina infantil construtiva: eliminando os castigos corporais. São Paulo: Cortez, 2008.



>>> Como colocar limites sem o uso da violência?

As crianças precisam de limites para crescer de forma saudável. Limites podem ser dados sem o uso de violência, por meio de regras e acordos, adequadas à faixa etária e com alguma possibilidade de negociação e flexibilidade, de forma coerente. Ou seja, não faz sentido permitir algo em um dia e não permitir no outro, dependendo do humor dos pais ou cuidadores. Esta flexibilidade precisa ser bem justificada.

Não existem receitas de bolo sobre como educar crianças. Depende da relação estabelecida. Mas acreditamos na importância do debate para oferecer alternativas ao uso dos castigos físicos e humilhantes.

Não acreditamos que pais e mães sejam potencialmente maus por educarem seus filhos por meio de castigos físicos. Pais, mães e cuidadores geralmente querem o melhor para suas crianças e conhecem melhor do que outras pessoas o que elas necessitam. No entanto, por terem sido educados pelo uso dos castigos físicos e por ser este um meio recorrente, não sabem como fazer diferente.

Este livro tem o objetivo também de estimular este debate. Na página da **Rede Não bata, Eduque** (www.naobataeduque.org.br) pode-se encontrar reflexões sobre como dar esses limites sem o uso da violência, que ajudam os pais e cuidadores a pensar a melhor maneira de educar suas crianças.

>>> E crianças têm voz? Sobre o processo de criação do livro

Crianças são sujeitos de direitos. Isto não significa pensá-las como pequenos adultos, mas considerar sua voz, sentimentos, desejos e sua percepção própria do mundo. Por isso, merecem ser ouvidas. É importante considerar a forma como as crianças entendem o seu lugar no mundo.

Como sujeitos de direitos, crianças têm necessidades diferentes dos adultos que precisam ser respeitadas: estudar, brincar, fantasiar, ser cuidada e ser protegida. Portanto, são sujeitos especiais porque precisam de um adulto para atender às suas necessidades.

Os encontros para a criação deste livro foram realizadas junto a um grupo de meninas, entre 8 e 14 anos, moradoras do Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro. As atividades foram baseadas em leituras de histórias, reflexão sobre um trecho do filme **“Minha vida de João”**, desenhos, massinhas de modelar e brincadeiras que ajudaram o grupo a refletir sobre como gostariam de ser educadas de forma mais equânime em relação aos meninos e mais próximas aos pais. Situações, características dos personagens e locais que ambientam a história foram surgindo de forma coletiva a partir destes estímulos.



>>> Sobre o Promundo e o trabalho de prevenção à violência contra crianças

Desde 2005, por meio do projeto **“Crianças, Sujeitos de direitos”**, o Promundo tem buscado desenvolver estratégias para refletir com pais e responsáveis sobre os direitos das crianças, inclusive o direito à participação e a expressar suas opiniões sobre questões que afetem diretamente suas vidas.

Este trabalho deu origem a uma série de consultas com crianças e seus cuidadores, além de ferramentas para estimular maior participação infantil e incentivar pais e responsáveis a adotarem medidas disciplinares não violentas na educação dos filhos. Estas publicações podem ser encontradas no site do Promundo:

www.promundo.org.br

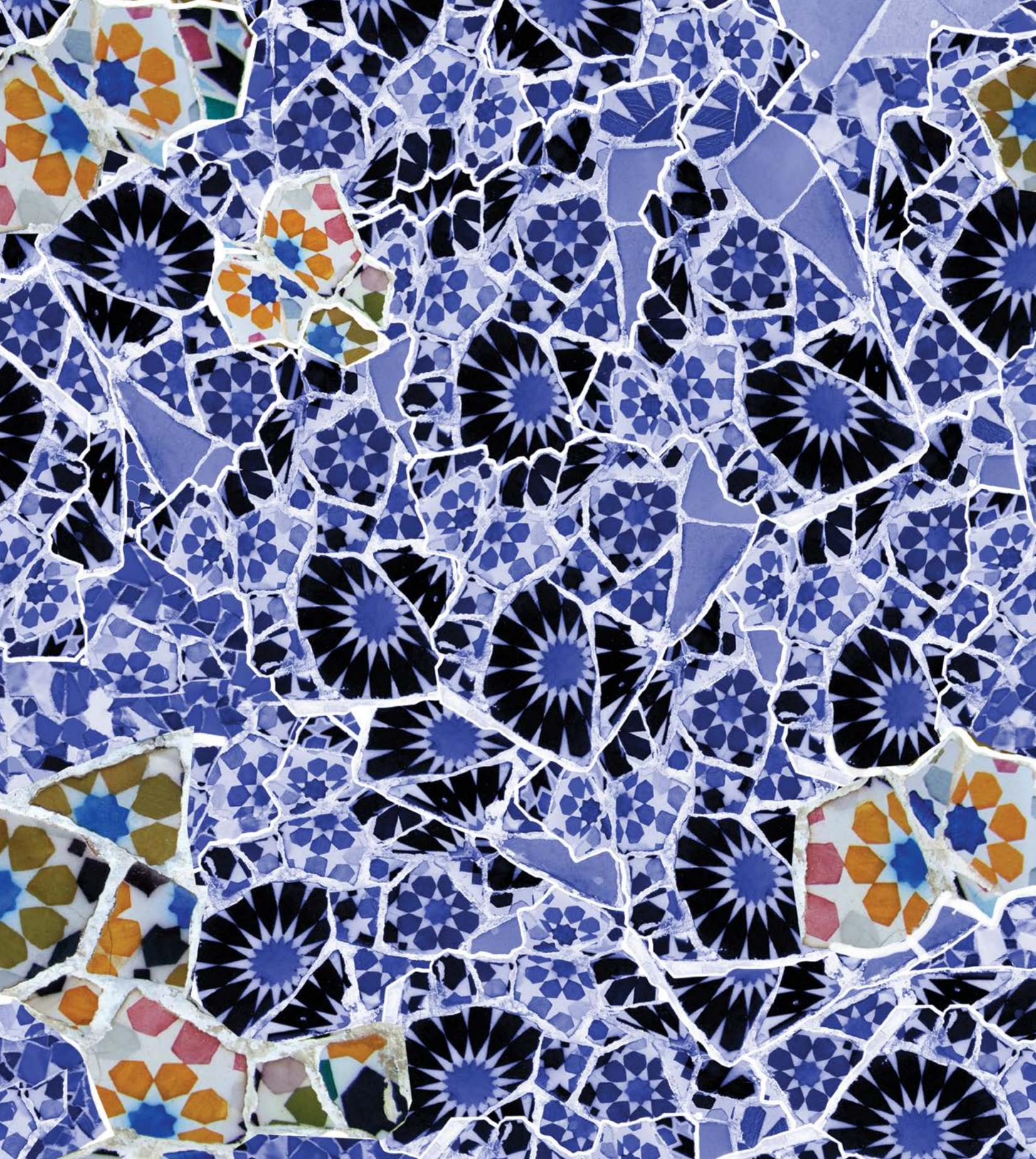
>>> Rede Não Bata, Eduque

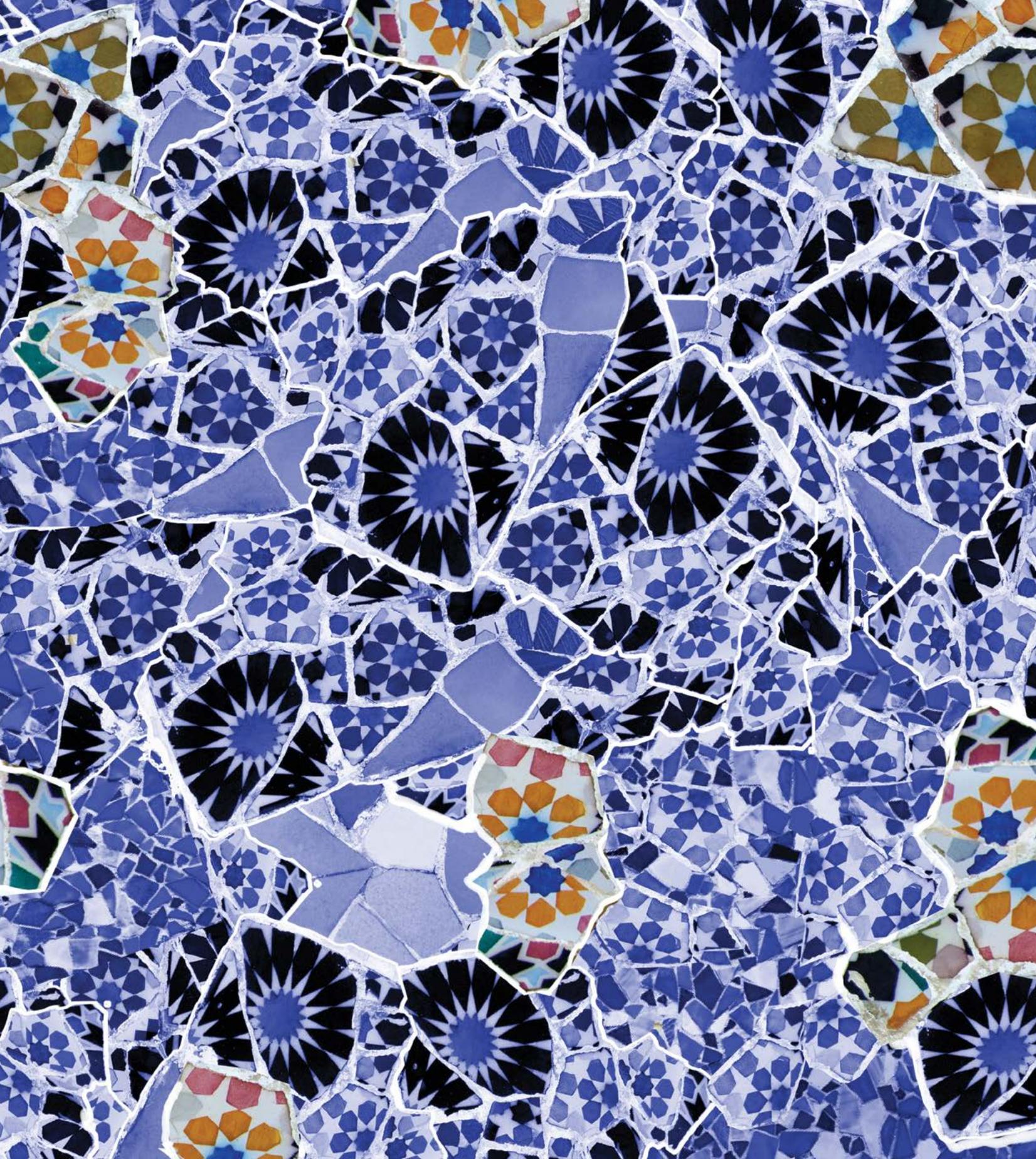
O Promundo faz parte da Rede Não Bata, Eduque, um movimento social que tem como objetivo erradicar os castigos físicos e humilhantes e estimular uma relação familiar democrática e respeitosa. Sua ação se dá através da conscientização da sociedade sobre o direito das crianças terem sua dignidade e integridade física respeitadas, com uma educação livre de violência e baseada em estratégias disciplinares positivas.

O livro **“Chutando Pedrinhas”** é parte dos esforços do Promundo para estimular o debate sobre alternativas à educação sem o uso de castigos físicos e humilhantes.

www.naobataeduque.org.br









“Chutando Pedrinhas” aborda as especificidades da relação entre pai e filha e como os pais podem contribuir para uma educação equânime entre meninas e meninos. Enquanto caminham juntos, pai e filha conversam sobre os desejos e sonhos dessa menina que se descobre limitada por padrões sociais que reservam papéis específicos para homens e mulheres. Pela via do diálogo e do afeto, pai e filha vão desconstruindo velhos conceitos e construindo os pilares de uma educação baseada na igualdade e no respeito à individualidade.